

LEITURA: DAS PALAVRAS E DO MUNDO

Soely Bettet
Departamento de Letras
UNICENTRO, Irati-Paraná

Resumo: Neste artigo, num primeiro momento, serão apresentadas algumas teorias acerca da leitura na escola e fora da escola. Numa segunda parte, será exposto como se procedeu à coleta dos relatos sobre a história de leitura de acadêmicos do Curso de Letras e do Curso de Pedagogia do Campus de Irati/Unicentro, num total de 100 (cem) alunos. Após tecer reflexões a respeito do corpus, delimitou-se um estudo dos relatos dos alunos que resultaram em três momentos: a leitura antes da escola; a leitura na escola e a leitura como compromisso. Os três momentos foram contextualizados, aliando-os a teorias de SILVA (1986), ORLANDI (1991), CITELLI (1994), GERALDI (1999) e outros estudiosos da leitura. Diante das abordagens feitas, pode-se argumentar que poucos estudantes tiveram envolvimento com a leitura antes do ingresso na escola; outros, somente ao ingressarem na escola e, um mínimo, vê a leitura como compromisso.

Palavras-chave: leitura; acadêmico; escola; professor.

Abstract: Firstly, this paper considers theories of reading inside and outside school. Secondly, it is explained how data collection about the “history of reading” among 100 students of Letters and Pedagogy from the Irati Campus of Unicentro, in Paraná, was done. After reflecting upon the data, the study of the information provided by the interviewed subjects was narrowed to three different situations: reading before they started school, reading at school and reading as a commitment. The three situations were then studied in the light of theories by SILVA (1986), ORLANDI (1991), CITELLI (1994), GERALDI (1999) and other scholars who have approached reading. The results indicate that just a few students were involved with reading before entering school, while others only began reading at school and very few are committed to reading.

Key-words: reading; student; school; teacher

Considerações iniciais

Pelo fato de estar atuando no ensino de língua materna junto a alunos da Graduação do Curso de Letras e de Pedagogia do Campus de Irati/Unicentro, optei por investigar algumas concepções sobre a *história de leitura* dos leitores das três turmas dos referidos cursos, abordando o assunto *leitura*, o que vem sendo amplamente discutido na graduação e pós-graduação.

O trabalho teve como objetivo coletar alguns elementos que constituem a história de leitura desses estudantes. Considerando a delimitação do estudo, dirigi a coleta dos dados, estabelecendo as seguintes questões: a) como se deu a prática de leitura; b) quais foram as passagens marcantes no processo de aprendizagem da leitura; c) qual seria a definição de leitura, hoje, e d) qual a importância da leitura para se viver em sociedade.

Assim, graduandos do Curso de Pedagogia (25 alunos) e do Curso de Letras (38 alunos do 2º Ano e 37 alunos do 4º Ano), do Campus de Irati/Unicentro, perfazendo um total de 100 alunos, relataram através de textos escritos suas “histórias como leitores”, observando os itens a eles apresentados como roteiro e sem a preocupação de se identificarem, durante as aulas de Língua Portuguesa e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa. As turmas são bastante heterogêneas, desde o aspecto idade (entre 18 – 45 anos) até os aspectos culturais, religiosos, étnicos, sociais, regionais e econômicos.

Os relatos permitiram destacar três situações em especial: *a leitura antes do ingresso na escola, o espaço escolar na formação do leitor e a leitura como compromisso e responsabilidade*. E, como a história da leitura no Brasil está se instituindo como disciplina recente, não se pode ignorar que os pesquisadores da questão têm como tarefa a reconstrução, em suas diferenças e singularidades, das diversas maneiras de ler. Então, o sucesso de estudos deste gênero depende, também, da compreensão que esta história pode ser reconstruída através do encontro do mundo do texto com o mundo do leitor.

Assim, os relatos dos estudantes dos Cursos de Letras e de Pedagogia da Unicentro/Irati permitem esta confrontação, uma vez que são “falas” e, por isto, podem possibilitar o desvelamento do “mundo do leitor” e do “mundo do texto”.

CHARTIER (1998, p. 6) afirma que reconstruir, em suas dimensões históricas, um processo como esse, exige considerar que suas significações dependem das formas e das circunstâncias por meio das quais os textos são recebidos e apropriados por seus leitores, pois “...toda história das práticas de leitura é, portanto, necessariamente uma história dos objetos escritos e das palavras leitoras.”

A leitura antes do ingresso na escola

O termo leitura é polissêmico, segundo seus estudiosos. Em sua acepção mais ampla, pode ser entendida como uma atividade de atribuição de sentidos. Pode significar também concepção. É neste sentido que é usado o termo quando se diz leitura de mundo. Junto à palavra leitura há uma relação com a noção de ideologia. Ambas as palavras são cheias de meandros porque elas esbarram na questão de valores, visão de mundo ou cosmovisão, história de vida, só para citar algumas implicações. No sentido mais restrito, acadêmico, leitura significa “a construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto”: são as várias leituras de Geraldi; as possíveis leituras de um texto de Platão, etc. (ORLANDI, 1991, p.7).

Então, o relato “... sempre tive contato com livros, mesmo antes de ingressar na escola...” (2º Ano/Letras) possibilita começar uma reflexão sobre a leitura antes de o leitor iniciar o processo de escolarização.

No relato acima, podemos perceber uma concepção errônea do espaço de aprendizado da leitura; apesar de afirmar que sempre teve contato com livros, aparece a expressão “mesmo antes de ingressar na escola”, na qual está subjacente que é na escola o lugar dos livros e leitores, o que pode ser confirmado em outros relatos:

“... sempre tive incentivos à leitura em minha casa, mesmo antes de entrar na escola...” (3º Ano de Pedagogia)

“... comecei a ler em casa, minha mãe me ensinava antes de ingressar na escola...” (2º Ano de Letras)

Como se dá a leitura antes e fora da escola?

Várias são as fontes para o aprendizado da leitura. A primeira é o ambiente familiar. Esse aprendizado, na escola, respeitado e tratado pelo professor, será o ponto de partida para um enriquecimento cada vez maior do leitor. Muitas vezes, o aluno é considerado como alguém raso de conhecimentos, como um zero. No entanto, o aluno já traz uma bagagem prévia que pode ser utilizada no ato de ler na escola. A imagem do aluno zero abandonada acarreta uma mudança importante na relação professor-aluno-objeto de estudo e o aluno passa a se constituir como sujeito da aprendizagem, rompendo, assim, com os modelos autoritários de ensino.

O espaço escolar na formação do leitor

Para iniciar esta discussão, é importante resgatar SILVA (1986, p. 9), que afirma ser o vínculo escola e leitura tão óbvio que às vezes se torna até indiscutível entre nós. Mas, entre os relatos coletados, essa relação emergiu:

“... minha história como leitora iniciou-se quando ingressei na escola...” (3º Ano de Pedagogia)

“... quando ingressei na escola não havia livros de histórias, apenas as cartilhas...” (4º Ano de Letras)

“... a minha prática como leitora não vem desde a infância. Meu primeiro contato com livros foi na escola...” (2º Ano de Letras)

“...na escola a leitura era diferente, não era tão prazerosa quanto em casa, tenho dificuldades até hoje...” (3º Ano de Pedagogia)

“...meu primeiro contato com os livros foi na escola e foi bastante difícil...” (2º Ano de Letras)

Diante dos relatos acima, podemos perceber a influência do papel da escola na constituição da história de leitura desses alunos. Talvez a forte influência da escola nos relatos apareça por representar aos alunos a instância mais imediata, visível e concreta dos caminhos e descaminhos traçados em sala de aula. As dificuldades, em grande parte, não vêm, às vezes, das limitações físicas dos alunos, mas surgem devido ao encaminhamento da leitura em sala de aula.

Em relação à escola, ORLANDI (1991) afirma que para resolver a questão da leitura se propõem técnicas que dêem conta, em algumas horas semanais, dessa propalada incapacidade. SILVA (1986, p. 52) complementa essa afirmação, acrescentando que: “atualmente, a leitura ideal do professor está amarrada àquilo que é fornecido pelo livro didático. Ou seja, o professor orienta-se por aquilo que é fornecido, pronto-a-mão, no livro de respostas do livro didático. A autoridade imediata nesse caso é o autor do livro didático adotado.”

Considerando que todo leitor tem sua história de leitura, como ele deve ler? Conforme o autor do livro didático? É preciso conceber o ato de ler como uma atividade que inclui várias ações que devem ser coordenadas entre si. A leitura não é uma questão de tudo ou nada. Vai além. É uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em síntese, é uma questão de historicidade. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos, a grande herança da Educação, é, sem dúvida, a leitura, que é o prolongamento da escola na vida do aluno, pois muitos, no seu dia-a-dia, mais lêem do que escrevem. A escola deve levar em consideração a importância do conhecimento da leitura, nas mais variadas áreas, para a vida do aluno em sociedade.

A leitura como compromisso e responsabilidade

Com o passar dos anos escolares, surgem na vida do aluno algumas exigências que devem corresponder a um desempenho cada vez melhor, mais expressividade, mais criticidade, mais responsabilidade e compromisso. SILVA (1986, p. 57) revela que em pesquisa realizada com alunos das escolas de Campinas, do primeiro e segundo graus, estes justificam a importância e a necessidade de ler com argumentos de vida prática e social do mundo do trabalho. E não há como fugir dessas considerações, afinal, ler é uma forma de participar dos circuitos da sociedade moderna e letrada, ao que vem reforçar os relatos abaixo:

“...a leitura é muito importante, pois desenvolve a capacidade de pensamento, tornando a pessoa mais crítica a respeito do mundo, da sociedade em que vive...” (4º Ano de Letras)

“...a vida em sociedade exige isso de nós. Se não lermos, outros com certeza vão ler. E num mundo globalizado não podemos ficar desinformados à margem de tudo...” (3º Ano de Pedagogia)

“...quem não lê está excluído do convívio social. Quem lê entende, vê, participa, critica, opina, decide...” (3º Ano de Pedagogia)

“...acredito que para a sociedade é fundamental a leitura, para promover o progresso intelectual, ampliação da visão de mundo e do saber...” (4º Ano de Letras)

No relato abaixo, o ideal seria manter, junto à experiência da leitura dos textos escritos, experiências de leituras das imagens dos filmes e da televisão.

“...confesso que sempre gostei de ler, pois muitas vezes, deixo de assistir a um filme em troca da leitura de bons livros...” (4º Ano de Letras)

O desafio da leitura é um desafio de democracia e de cidadania, da constituição do aluno cidadão/leitor, e isso ultrapassa amplamente as paredes da escola, mas a escola é uma etapa importantíssima. A leitura é também uma chave para a integração política do ser humano, no sentido grego do termo, a integração à *polis*, aos códigos de discussão da comunidade política. A leitura e a escrita constituem um caráter público para o indivíduo.

Uma leitura complexa do mundo não pode prescindir da leitura da palavra, tarefa fundamental da escola:

Por razões que não precisam ser aqui lembradas, é a palavra o centro da preocupação da educação escolar. E não poderia ser diferente. Afinal, vivemos em uma civilização logocêntrica; organizamos nosso sistema mental, nossas formas de relações contratuais, os movimentos linguagem/pensamento, para indicarmos alguns casos, em torno da palavra. Dominá-la enquanto leitura e escrita tem sido uma questão sempre presente em nossa cultura, além de um permanente desafio ao trabalho dos educadores. Exatamente por isso, os problemas de proficiência lingüística têm ocupado boa parte das discussões acerca do rendimento escolar. É verdade que, sendo a escola o lugar do exercício sistemático da linguagem verbal, o ensino da leitura e da escrita passou a ser praticamente sua exclusiva atribuição. Deve-se considerar, porém, que reduzir a leitura à escola é algo limitado, mesmo porque ler implica o desenvolvimento de certas experiências que não estão necessariamente na escola e que podem ser processadas, inclusive, fora dela. (CITELLI, 1994, p. 47).

Podemos ter uma classe de alunos já alfabetizados, mas isso não significa que integrem o recurso à leitura e escrita na sua maneira de ser e estar no mundo, na sua maneira de pensar e agir. Ser alfabetizado pode significar apenas que estes alunos lêem mecanicamente o que lhes cai pela frente: propagandas, anúncios, placas na rua, trechos do livro didático, avisos, exercícios passados pelo professor etc. Ou seja, eles são

“atingidos” pelas coisas escritas, mas pouco interagem com elas. De todo modo, a maior parte dos indivíduos hoje em dia sabe mais do mundo através da televisão e do rádio, especialmente, frente aos quais habituamo-nos a ter uma atitude receptiva e acrítica.

Hoje, a leitura do livro não tem mais o monopólio do acesso à informação e as práticas de leitura são, em geral, extensivas, mais utilitárias e menos literárias. Hoje, lemos para trabalhar, para nos informar, para nos orientar etc. Se, por um lado, temos essa prática extensiva e cotidiana de leitura realizada por um grande número de indivíduos na sociedade, temos dificuldades na leitura contínua, intensiva, leitura de um livro do início ao fim, leitura de coleções e de grandes obras. A leitura dos jovens se inscreve, em geral, na descontinuidade e na fragmentação: leitura da resposta certa, do aviso no quadro, do questionário, do bilhete do professor, da propaganda, do cartaz etc, o que pode ser ilustrado pelo relato:

“...hoje leio muito por obrigação, às vezes por responsabilidade...” (3º Ano de Pedagogia)

É necessário ter claro que desenvolver uma competência para a leitura (da palavra) implica contribuir no sentido da formação de um cidadão mais pleno, que possa, criticamente, se assenhorar de um mecanismo tradicionalmente utilizado pela classe dominante. Tomar posse da palavra não para refazer o circuito da discriminação, mas para forçar espaços de libertação. (CITELLI, 1994, p. 50).

As práticas de leitura variaram muito ao longo do tempo e, inclusive, nem sempre leitura e escrita foram habilidades coincidentes:

Até bem entrado o século XIX, era bastante usual saber ler e não escrever, em especial entre as mulheres. As duas aprendizagens não eram simultâneas, mas sucessivas. A segunda exigia mais tempo e dinheiro que a primeira. Escrever, além disso, era considerado, para o sexo feminino, uma atividade moralmente mais perigosa. Havia, pois, muitos alfabetizados que podiam receber mensagens escritas, ler textos elaborados por outros, mas não comunicar-se por escrito, produzir textos. (FRAGO, 1993, p.15).

Ao analisar as diferentes trajetórias de leitura, o aluno poderá perceber uma associação positiva entre “ser um bom leitor” e “ter acesso a posições de sucesso profissional e pessoal na vida”. Dominar a habilidade da leitura é muito valorizado socialmente, mas é importante discutir com os alunos a importância da capacidade de leitura no sentido da construção da autonomia individual e coletiva. Ou seja, vincular a leitura com a discussão da construção da cidadania.

Uma leitura chama o uso de outras fontes de informação, de outras leituras, possibilitando a articulação de todas as disciplinas da escola. Uma leitura remete a diferentes

fontes de conhecimentos, da história à matemática. Nesse sentido, leitura e escrita são tarefas fundamentais da escola e, portanto, de todas as disciplinas. Estudar é ler e escrever.

Admita-se, portanto, que ler envolve, de um lado, uma competência específica – que pode ser dada pela escola quando se trata do domínio do código escrito – e, de outro, uma convivência com as complexas instâncias da sociedade global. A rigor, quando se trata de ler um texto escrito, essas duas variáveis se cruzam num elemento específico dado pelo signo verbal impresso. (CITELLI, 1994, p. 48).

Considerações finais

Dos 100 (cem) textos escritos em que os acadêmicos relataram suas “histórias de leituras”, somente 43 (quarenta e três) relatos foram diversificados e, portanto, selecionados para se proceder ao presente estudo. Dos 57 (cinquenta e sete) textos restantes, em 39 (trinta e nove) os alunos relataram que não sabiam explicar como o processo de leitura ocorreu em suas vidas e 18 (dezoito) alunos relataram que não tinham nada de interessante a contar.

Diante do exposto, percebeu-se que os alunos não despertaram para a importância da leitura na vida pessoal, profissional, política e social, pois, pelo nível de escolaridade em que se encontram, deixaram a desejar em seus relatos.

As considerações teóricas a respeito da leitura vêm ao encontro do que se pode observar nos relatos dos alunos: o estímulo à leitura sendo objeto de preocupação e de discussão no âmbito escolar está aquém do objetivo que se almeja: ver alunos dominando as habilidades específicas de leitura, ultrapassar a simples decodificação e, sim, atribuir sentido ao que decodificou e compreender o que leu, analisando e se posicionando criticamente.

Sabemos que essas discussões há tempo são e estão embutidas no discurso escolar. No entanto, essa expectativa de mudança se construirá a partir de procedimentos que, embora tenham sido válidos até hoje, tendem a se desconstruir, e isso ocorrerá à medida que os sujeitos envolvidos (professor-aluno-escola) desvinculem-se dos “modelos”, das “receitas” e assumam uma prática pedagógica em que as teorias e práticas fomentem a produção de novos conhecimentos, visando à transformação da realidade social e acadêmica.

Referências

CITELLI, A. O. Conceitos de leitura. In: SOUZA, Maria Aparecida et al (Orgs.). *Leitura: caminhos da aprendizagem*. São Paulo: FDE, 1994.

FRAGO, A. V. *Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, L. L. M. da. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.